



MOQUETA DA SILVA E ALBERTO

Arco da Rua Augusta

A gravura, que hoje o *Panorama* apresenta aos seus leitores, tem por fim justificar o nosso seculo perante a posteridade. Quando os historiadores futuros tratarem de mytho o arco da rua Augusta, quando asseverarem que essa construcção existio apenas na cabeça dos estadistas portuguezes, a nossa gravura responderá triumphantemente asseverando aos nossos netos que existio um plano, que houve um desenho, que a porta sumptuosa da cidade chegou a viver completa, pelo menos, no papel.

O arco da rua Augusta ha de ser, estamos d'isso convencidos, um monumento de seculos. Cada geração ha de trazer uma pedra, accrescentar um festão, bordar um lavor, juntar uma estatua, rendilhar uns cinzelados, prolongar um entablamento, tecer uma nova grinalda. Em quanto existir Portugal, ha de estar em via de construcção o arco da rua Augusta. Num romance de Alexandre Dumas ha uma noiva, que, esperando a volta do esposo, borda o seu vestido nupcial, calculando o trabalho de maneira que dê o ultimo matiz no dia

em que deve chegar o escolhido do seu coração. Demora-se o noivo e o bordado continúa, entre-meando novas flores, enchendo a tela, que ainda ficára desoccupada. Parece-nos que não havemos de errar igualmente, e que a ultima pedra do arco ha de ser posta na vespera do *Juizo final*.

O arco da rua Augusta tem tido effectivamente uma existencia legendaria. Pesa sobre elle a maldição que fulminou outr'ora a igreja de Santa Engracia. Como esta sua irmã mais velha, já deu origem a proverbios. «O relógio da rua Augusta» figura tantas vezes nas palestras populares como as «obras de Santa Engracia» e a lenda ainda ha de vir a apoderar-se d'aquelle monumento fabuloso, que, da mesma fórma que os palacios das fadas, os jardins d'Armida, ou o castello de Bella e da fera, só parece existir na imaginação dos poetas do ministerio das obras publicas.

Em um dos proximos numeros daremos aos nossos leitores a historia d'este monumento. Por hoje, limitar-nos-hemos a explicar resumidamente o projecto apresentado pelo distincto artista francez, o sr. Calmels, que era, como se vê na gravura, digno de ter apparecido um seculo antes, e de haver sido comprehendido por Sebastião José de Carvalho, o ultimo homem que soube em Portugal executar grandes cousas.

O grupo, que domina o arco, fórma a parte allegorica, e representa a Gloria coroando o Genio e o Valor. D'este grupo, cuja execução foi confiada ao sr. Calmels, auctor do plano, estava o modelo na exposição internacional do Porto, onde foi objecto da admiração de todos os que o contemplaram. O sr. Calmels, com quem o governo portuguez tem zombado em todas as obras que lhe confiou desde o monumento a D. Pedro IV até ao arco da rua Augusta, empregou n'este grupo colossal todos os recursos do seu notavel talento, e fez effectivamente d'elle uma obra prima, digna de se fitarem logo n'ella os olhos do estrangeiro, que desembarca nas praias da nossa formosa Lisboa.

As quatro figuras inferiores representam Viriato, Nuno Alvares Pereira, Vasco da Gama e Marquez de Pombal. Os dois vultos lateraes são ainda allegoricos, e figuram o Tejo e o Douro.

## A TERRA

**Que provas positivas existem de que é redonda, que gira sobre si e á roda do sol**

Vamos agora ao terceiro ponto d'esta noticia, ás provas positivas do movimento da Terra.

Notemos primeiramente que as apparencias dos objectos exteriores serão para nós identicamente as mesmas, ou seja que, estando a Terra em repouso, estes objectos estejam em movimento, ou que, estando estes objectos em repouso, a Terra esteja em movimento. Se a Terra em seu curso arrasta todas as cousas que lhe pertencem, as aguas, a athmosphera, as nuvens, etc., nós não poderemos ter consciencia d'este movimento, cujo participamos, senão pelo aspecto vario do céu immovel. Ora, sendo em um e outro caso as apparencias sempre as mesmas, a hypothese do

movimento da Terra explica tudo, e sem ella cae-se em uma inaceitavel complicação de systemas.

Se a Terra gira sobre si em vinte e quatro horas, podemos vêr immediatamente que, sendo o seu raio medio de 1432 leguas, e a sua circumferencia de 9000, um ponto situado sobre o equador percorrerá *um decimo de legua por segundo*. Esta velocidade, que parece consideravel, tem sido olhada como uma objecção contra o movimento da Terra. Mas vejamos agora de que velocidade sem igual seria necessario animar as espheras celestes para fazel as percorrer cada uma a circumferencia do céu no mesmo lapso de vinte e quatro horas.

Em primeiro lugar, o Sol estando afastado da Terra 23000 vezes o raio terrestre, na hypothese da immobilidade da Terra aquelle astro descreveria uma circumferencia 23000 vezes maior que os pontos do equador, o que dá uma velocidade de 2300 leguas por segundo.

Jupiter está pouco mais ou menos cinco vezes mais longe: a sua velocidade seria de 11500 leguas por segundo.

Neptuno, trinta vezes: deveria percorrer 69000 leguas por segundo.

Taes seriam as diversas velocidades de que os planetas deveriam estar animados para girarem á roda do nosso globo, como parecem fazel-o. Vê-se, pois, que a objecção contra o movimento da Terra de um decimo de legua por segundo nada é comparativamente com o que resulta de semelhantes numeros.

O que seria se considerassemos as estrellas fixas?! A estrella  $\alpha$  do Centauro, deveria percorrer 520 milhões de leguas por segundo. E, gradualmente, até ás estrellas longinhas, chegaríamos ao infinito sem encontrarmos um numero que podesse exprimir a velocidade dos astros para girarem em torno d'este ponto invisivel que se chama Terra.

Accrescentemos a isto que estes astros são, um 1400 vezes mais volumoso que a Terra, outro 1400000 vezes, outros ainda maiores; que não estão reunidos entre si por laço algum solido que podesse ligal-os a um movimento das abobadas celestes; que estão todos situados em mui diversas distancias; e esta medonha complicação do systema dos céos testemunhará por si mesma da sua não existencia — poderíamos dizer da sua impossibilidade mechanica.

Mas não sómente pela admissão do movimento da Terra em roda do seu eixo se póde comprehender o movimento diurno da esphera celeste; os movimentos dos planetas no zodiaco, as suas estações e as suas retrogradações, reclamam com o mesmo rigor o movimento da Terra á roda do Sol. Para explicarem as apparencias planetarias, suppondo a Terra immovel, os antigos imaginaram vinte e quatro circulos mettidos uns nos outros, circulos solidos ou céos de cristal cuja complicação nada podia igualar, e que, se podessem existir um instante, immediatamente seriam feitos em pedacos pelos cometas vagabundos ou pelos aérolithos que girassem no espaço.

Por outro lado ainda, a analogia vinha confirmar singularmente a hypothese do movimento da Terra e mudar a verisimilhança em certeza. O telescopio mostrava nos planetas terras analo-

gas á nossa, com um movimento de rotação á roda do seu eixo, movimento de rotação de vinte e quatro horas para os planetas mais proximos e de menor duração para os mundos distantes do nosso systema. Assim a simplicidade e a analogia são a favor do movimento da Terra. Ajuntamos tambem que este movimento é rigorosamente exigido e determinado por todas as leis da mechanica celeste.

A grande difficuldade que se tinha avançado contra o movimento da Terra, e que foi aceita durante algum tempo era esta: Se a Terra gira debaixo dos nossos pés, elevando-nos no espaço e achando o meio de conservar-nos alli alguns segundos ou minutos, deveriamos cair, depois d'este lapso de tempo, em um ponto mais occidental que o ponto de partida. O individuo, por exemplo, que, no equador, achasse meio de sustentar-se immovel na athmosphera durante trinta segundos, deveria cair tres leguas ao occidente do lugar donde tinha partido. — Excelente maneira de viajar. — Alguns sentimentalistas, Buchanan entre outros, deram á objecção uma fórma mais affectuosa, dizendo que, se a Terra girasse, a rola não ousaria sair do seu ninho, porque depressa perderia inevitavelmente de vista os seus filhinhos. — É de uma grande innocencia.

O leitor já respondeu a esta objecção reflectindo que tudo quanto pertence á Terra participa, como em um artigo o dissemos, do seu movimento de rotação, e que, até aos ultimos limites da athmosphera, o nosso globo arrasta tudo em seu curso.

A observação directa de diversos phenomenos tem confirmado a theoria do movimento da Terra, e tem-na confirmado com provas materiaes irrecusaveis.

Se o globo gira, desenvolve uma certa força centrífuga; esta força será nenhuma nos polos, terá o seu maximo no equador, e será tanto maior quanto mais distante se achar do eixo de rotação o objecto ao qual ella se applica. Será em ponto grande o que existe em ponto pequeno, em uma funda ou em uma roda livre em movimento rapido. Ora, supponhamos que se fixa um prumo no cume de uma torre, e que o pezo que o estende desce até á superficie do solo. A direcção d'este prumo para o centro da Terra, isto é, seguindo a perpendicular ao nivel da agua, será um pouco modificada pelo effeito da força centrífuga resultante da rotação do globo, medida ao pé da torre. Se igualmente se fixa no cume da torre, a uma pequena distancia a leste do primeiro, um segundo prumo muito mais curto, cujo pezo fique situado um pouco abaixo do ponto de partida; este segundo prumo não terá inteiramente a direcção do primeiro, porque a força centrífuga devida ao movimento da Terra, sendo maior no cume da torre que na sua base, fará desviar o cordel um pouco mais a leste. — Esta observação minuciosa tem sido feita e repetida com o maior cuidado: é portanto, mais uma prova do movimento da Terra.

As oscillações da pendula de segundos confirmam o precedente facto. Não é sómente, pelo raio equatorial ser maior que o raio polar, que as oscillações são mais lentas no equador que nos polos; a differença é muito grande para ser attribuida unicamente a essa causa. No equador,

a força centrífuga attenua em parte o effeito do pezo. Uma observação curiosa é, que no equador esta força regula  $\frac{1}{289}$  do pezo. Ora, como o pezo cresce proporcionalmente ao quadrado da velocidade de rotação, e que 289 é o quadrado de 17, se a Terra girasse 17 vezes mais rapida, os corpos collocados no equador *não pezariam*: uma pedra lançada no espaço não cairia.

Eis outro facto, não menos positivo que os precedentes, e mais facil a apreciar em suas consequencias, a favor do movimento da Terra. Se a Terra fosse immovel e que a esphera estrelada girasse em torno d'ella em 24 horas, os astros nunca passariam pelo meridiano, e nunca nasceriam nem se poriam, no instante em que o indica a linha da sua longitude no céu. Os raios luminosos que nos enviam, havendo intervallos desiguaes, segundo as suas distancias reciprocas, fariam uma extrema confusão nas horas da sua passagem apparente. Tal astro que, na realidade, passa agora pelo meridiano, está situado a uma tal distancia que a sua luz demora seis horas para chegar até nós; não apparecerá, pois, senão seis horas mais tarde, isto é no momento do seu occaso. Tal outro astro levará doze horas para se mostrar; tal outro, mezes, annos, etc. Eis uma nova prova material de que não são as espheras celestes que se movem, mas sim a propria Terra.

Os movimentos proprios annuaes das estrellas no céu, de que opportunamente fallaremos, fornecem igualmente uma prova positiva do movimento da Terra em roda do Sol. O mesmo se dá com o phenomeno da abherração da luz.

A physica do globo tem, tambem por seu lado, fornecido um bom contingente de provas á theoria do movimento da Terra, e póde-se dizer que todos os ramos que se prendem, de perto ou de longe, á cosmographia, acham-se unidos para a confirmação d'esta theoria. A propria fórma da espherode terrestre mostra que este planeta foi originariamente uma massa fluida animada de uma certa velocidade de rotação, conclusão a que os geologos tem chegado nas suas averiguações pessoaes.

Outros factos, como as correntes da athmosphera e do oceano, as correntes polares e as monções, tem sua causa igualmente na rotação do globo.

## AZARIA

Foi uma rude luta a que os nossos avós travaram com os mouros. Não foi uma serie de guerras, separadas por tratados de paz, foi um combate constante, de cada dia, de cada hora, sem um minuto de descanso. As praças fronteiras estavam constantemente em pé de guerra contra as correrias dos mouros, e tambem para irem levar ás cidades, aldeias, e campos inimigos o mesmo terror e o mesmo sobresalto que elles traziam aos nossos. D'ahi provinha a formidavel organização militar da idade media, os almogavares com o seu adail, as atalayas, os esculcas, os aricaveiros e vigias a cujo cargo estava a defensão das cidades, ou a aggressão dos mouros, que andavam sempre á espreita receiando vêr accender-se ao longe o fogo das almenares mouriscas,

temendo sentir de subito o galope dos cavallos inimigos, e divisar por entre a escuridão da noite os alvejantes albornozes dos arabes. Não havia tréguas, nem repouso, nem intervallo para aquelle combater frenetico, raivoso, e incançavel.

Os habitantes das povoações fronteiras não ousavam affastar-se um instante desarmados da sombra dos seus muros, e para prevenir as consequencias sempre fataes d'algumas imprudencias, os nossos reis haviam providenciado de diversos modos prohibindo a saída de um bando qualquer de christãos sem que fossem acompanhados de gente armada.

Uma das occupações mais perigosas da rude vida dos habitantes da raia era o irem cortar lenha. Não havia floresta, que se não assemelhasse ao incantado bosque do Tasso, e que não estivesse cheia de perigos, emboscadas, e traições. Cada arvore podia esconder um inimigo, e ao som da cuspide do machado lascandõ o carvalho podia responder de subito o grito de guerra dos corredores mouriscos. Por isso era expressamente prohibido sair-se das praças fronteiras para cortar lenha nos mattos sem ir o bando dos rachadores acompanhado por um troço de gente armada.

Era raro por conseguinte que se fizesse provisão de madeiras sem que o sangue tingisse o solo: enquanto as arvores caíam decepadas pelo machado dos portuguezes, revolteava a peleja a pouca distancia, e o montante christão, e o alfange mouro abriam largos sulcos nas fileiras dos combatentes.

Estranho destino o dos nossos antepassados! Estranha existencia essa que contava uma peleja sanguinolenta no numero dos seus mais vulgares incidentes! E que heroica geração! que espirito de bronze não era necessario para affrontar com serenidade esses perigos de cada instante, essas tribulações, essas angustias pungentes, esse tremer de cada momento pela sorte do esposo, e dos filhos, quando a propria vida lhe fosse indifferente.

Com tudo isto não dissemos ainda como as peijas travadas no acto de irem os nossos antepassados cortar lenha se ligam com o titulo que demos ao nosso artigo. Vamos dizel-o agora. Esses combates já previstos, á força de se repetirem, recebiam o nome de azarias, e a distribuição das prezas que n'elles se faziam estava sujeita a uma legislação especial.

A etymologia d'esta palavra *Azaria* dá-a Santa Rosa de Viterbo no seu *Elucidario* da seguinte maneira.

O nome do machado n'esse tempo, na infantil linguagem portugueza, era *aza*. Ora, como n'esse serviço de cortar lenha é o machado o instrumento que se emprega, ficou a essas expedições (assim lhes podemos chamar) o nome de *Azarias*. Nos foraes antigos de algumas villas se encontram as leis que regiam, como dissemos, a distribuição das prezas feitas n'essas escaramuças, prezas que consistiam quasi unicamente em cavallos. Assim se os corceis tomados chegavam ape-

nas para que cada homem da expedição ficasse com um cavallo, nada reclamava o senhor da terra; se a preza era mais abundante pertencia então a este a quinta parte do valor da preza total.

### MOZART

Porque motivo apparecem na musica, mais do que em qualquer outra manifestação da intelligencia humana, essas crianças prodigios, que, na idade em que as outras apenas balbuciam a nossa linguagem, conhecem já todos os segredos da grande arte, e transformam o teclado sonoro do piano, as cordas vibrantes da rebeca n'outras tantas vozes cheias de lagrimas e palpitantes de commoção, que vão despertar no auditorio estupefacto sentimentos ainda desconhecidos dos proprios que os excitam? Porque motivo a historia da musica inscreve nas suas paginas os nomes gloriosos de Liszt, de Mozart, d'Arthur Napoleão, em quanto a poesia e a pintura, limitando-se a apontar o talento precoce d'alguns dos seus cultores mais notaveis, nunca se ufanaram de contar nos seus fastos crianças rivaes de Virgilio, pintores infantis rivaes de Raphael?

É porque os entes privilegiados para quem a musica tem de vir a ser a linguagem sublime, em que hão de traduzir as concepções do seu genio, aprendem n'a, como nós, crianças vulgares, aprendemos o idioma banal, o idioma de todos, o idioma que, segundo formos ou não fadados para as grandes coisas, nos bastará para as necessidades vulgares da existencia ou com o qual luctaremos corpo a corpo, frementes de raiva ao sentirmos a commoção, a poesia, o elevado pensamento esvair-se ao contacto das frias palavras da linguagem humana. Esta linguagem aprendemol-a nós dos labios maternas, e se é ainda musica na voz suave da infancia, é porque não teve tempo de se esvair a fragrancia de poesia, com que a perfumou o coração das mãis, se ainda então é gorgeio, é porque a nossa alma, passarinho exilado, conserva umas vagas lembranças das melodias do céu. Depois vem a prosa da vida, e só a alma dos poetas saberá conservar, no meio do turbilhão social, as doiradas reminiscencias da celeste patria.

Mas os poetas da musica, os poetas sobre todos os outros filhos dilectos de Deus, se tiveram, como nós, o anjo maternal para lhes suavisar a rude lingua da terra, tiveram um outro anjo, que lhes apparece e lhes falla em sonhos, e n'essas visões luminosas lhes ensina uma outra linguagem, uma linguagem do céu, um idioma privilegiado e immaculado, que lhes poisa nos labios o mel fragrantissimo da poesia, que os baptiza com os orvalhos do Emyreco, que lhes abre de par em par a porta, para nós cerrada a sete chaves, d'esse mundo prestigioso intermediario á terra e ao paraizo, mundo todo povoado de sylphos e fadas e duendes, mundo de visões sublimes, mundo de harmonias mysteriosas, escada de Jacob por onde os anjos descem a visitar os homens, e por onde o pensamento humano sobe enlevado e embevecido a contemplar de perto as maravilhas do olympico fulgor.

Esse mundo sublime, essa escada mysteriosa é a musica.

Um d'esses escolhidos, uma d'essas crianças predestinadas foi Mozart. Nascido em Salzburgo a 27 de janeiro de 1756 já em 1762 arrebatava, em Munich e em Vienna, todos quantos o ouviam, com as torrentes de melodia que os seus dedos pequeninos sabiam fazer jorrar do piano e com a sua maravilhosa e magistral execução. Seu pai, musico distincto, principiara a ensinar-lhe a sua ar-

Até então exercitara-se elle apenas no piano; acompanhava-o sua irmã, criança tambem, que possuia um raro talento de executante. Mas no piano não tinha mais que aprender; estava tão senhor do instrumento, como o poderia estar um velho pianista. Tentou-o então a rebeca, e, apenas empunhou o arco, mostrou logo n'essa nova lingua a mesma superioridade. Seu pai, louco de contentamento, e, vendo na torrente de harmonia, que jorrava dos dedos de seu filho, um verdadeiro Pactolo, decidiu aproveitá-lo empreendendo com elle viagens artisticas. Aos sete annos deslumbrou Paris, aos oito annos Londres. Começava-se já tambem a revelar o genio do compositor. Na capital da França publicou sonatas para piano, na capital da Inglaterra, nos concertos que deu, só tocou symphonias da sua composição. Tinha nove annos quando percorreu a Hollanda, onde esteve perigosamente enfermo. Voltou de novo a Paris, atravessou a Suissa, e no fim do anno de 1766 entrava em Salzburgo, não contando ainda onze annos de idade, e com a fronte ornada de mais loiros, do que os que habitualmente conquista um grande homem no decurso d'uma longa vida.

É uma estranha biographia esta de Mozart! Os annos da infancia, que n'um rapido esboço biographico habitualmente se passam em claro para depois se ir tomar o heroe no momento em que verdadeiramente nasce para a immortalidade, são exactamente aquelles que o biographo de Mozart deve narrar mais circumstanciadamente. Parecia que o grande espirito do maestro allemão, sabendo que pouco tempo havia de habitar no fragil corpo que escolhera para morada, tinha pressa de viver, e de deslumbrar o mundo. O fogo, que aos trinta e seis annos havia de consumir Mozart, não brotava primeiro n'uma fragil scintella que se ia a pouco e pouco aclarando, que lavrava em silencio até se revelar em pleno fulgor. Não; a chamma irrompia logo abrazadora e esplendida, o sol assomava no horisonte, quasi sem ter aurora, subia ao zenith, illuminava novos e mais vastos horisontes, e depois descia rapidamente tambem, esmorecia no occaso, atufava-se no oceano da eternidade, mas deixava no mundo um longo rasto de luz.

Em 1768 vamos encontrá-lo em Vienna, com doze annos, compondo por ordem do imperador José uma opera intitulada *La finta semplice*, opera, que nunca se representou, mas que obteve os applausos do maestro Hasse, e de Metastasio, o poeta cesareo, o grande lyrico, o companheiro d'ovações de todos os grandes musicos da época.

Pouco depois na inauguração d'uma igreja, é o Offertorio composto por elle, e é a criança de doze annos quem rege a orchestra formada dos primeiros executantes de Vienna.

Faltava-lhe ainda percorrer a Italia, a velha matriarcha das artes, a soberana do mundo, que, deixando rolar aos pés dos estranhos o seu diadema de rainha, conservou sempre incontestada a corôa de flores que a proclamava soberana artistica. A varinha branca do genio de Mozart produziu na formosa peninsula as costumadas maravilhas, e os Italianos, soberbos desprezadores da musica estrangeira, tiveram de se curvar perante o *barbaro* germanico, e de sentir n'elle um mestre, mais do que um mestre, um iniciador.



Mozart.

te quando elle tinha quatro annos. Na idade em que as outras crianças alinham em ordem de batalha os soldados de chumbo das caixas de Nuremberg, em que espreitam curiosos a cauda do piano, ou despedaçam, se podem, o bojo das rebecas para verem que rouxinol mysterioso descanta lá dentro essas ineffaveis melodias, o loiro allemão debruçava-se pensativo sobre as teclas, e dava com as alvas mãosinhas voz ao desconhecido passarinho, que os seus companheiros de brinquedos phantasiavam.

Uma das originalidades d'aquella criança original era o não querer tocar senão diante de entendedores. A sua delicada organização de sensitiva parecia que se assustava com os applausos inconscientes do vulgo, como o seu ouvido finissimo estranhava a mais leve desharmonia. O juvenil Ganymedes adivinhava nos seus presentimentos que o genio, essa aguia de Jupiter, o havia de empolgar nas garras e transportá-lo ao céu, e não podia já contentar-se com o licor inebriante do elogio banal, desejava só o nectar que circula na meza dos immortaes. Em Vienna pediu com todo o desembaraço ao imperador Francisco que mandasse chamar o celebre musico Wagenseil. Veio o grande homem, e a criança de seis annos, sem a mais leve hesitação, tocou um dos concertos que elle já compunha, e acolheu com modestia, mas com jubilo, os applausos do mestre.

Em Milão, no fim d'outubro de 1770, contando pouco mais de quatorze annos, compoz a opera de Mithridates, que foi representada pela primeira vez no dia 26 de dezembro d'esse anno e que obteve grande numero de representações.

Em 1771 temol-o de volta a Salzburgo, onde compõe para o casamento do archiduque Fernando uma serenata theatral, intitulada *Ascanio in Alba*. O compositor tem quinze annos.

Em 1772, para a sagração do novo arcebispo, compõe a serenata *Il sogno di Scipione*. Tem dezeseis annos o auctor.

Em 1773 compõe a opera *Lucio Silla*, que se representa vinte e seis vezes seguidas. Sobee ao capitolio o triumphador aos dezeseite annos, quando os outros ainda nem fizeram as primeiras armas.

Em 1775, com dezenove annos escreve a opera comica *La finta Giardiniera*. Depois duas missas, e uma serenata *Il Re pastore*. Chamam-n'o de Pariz os Francezes curiosos de verem o prodigio, que tanto avultára depois que elles tinham assistido ao balbuciar do seu genio. Prende-se Mozart bastante tempo na corte juvenil de Maria Antonieta, que ainda nem sequer presente o seu triste destino, e quando volta a Vienna em 1779 é nomeado compositor da camara imperial.

(Continua)

## A BOCCA DO INFERNO.

### X

No dia seguinte entraram em Cascaes onze homens rolos, com os rostos macerados, implorando compaixão. Eram os tripulantes que se haviam salvo do naufragio da galera.

A morgada, que era esmoler e possuia excellente coração, pedio para que lh'os trouxessem á sua presença porque desejava soccorrel-os. Inquiridos por D. Thereza, os naufragos contaram que haviam saído de Cabo Verde para Lisboa; que a tempestade os assallára já á vista das costas de Portugal, rasgando as velas ao navio e desarvorando-o. O mar levára-lhe depois o leme e as bitaculas. Quando se avisinham da costa, impellidos á mercê das ondas, o navio fazia já tanta agua, que as bombas não podiam esgotal-a. O capitão mandara-os então arriar a lancha, que o mar ainda respeitára, ordenando-lhes que embarcassem nella e se salvassem. Elle, o piloto, o contramestre, e um segundo tenente da marinha real que vinha de passagem reservaram-se para o fim. Eram bravos marinheiros aos quaes a idéa da morte não amedrontava. Os onze tripulantes — quantos a barca podia conter — fizeram-se de remos procurando salvar-se. O official, contava um, ficára agarrado a um resto da amurada com os olhos fixos em terra. Depois, diziam elles tristemente, a galera tremeu n'uma convulsão prolongada, como o estorcer da agonia, principiou a redemoinhar, estoirou, e desapareceu. O tenente descêra firme para o fundo.

Chamava-se Luiz de Mello.

Quando este nome saio dos labios de um dos naufragos, gelaram todos de espanto. Christina caio desamparada no chão... como a açucena que o tufão pende na haste.

Depois de recuperar os sentidos pareceu cair n'uma perigosa excitação mental. Passava as mãos pela fronte, d'onde manava suor frio, como se quizesse arrancar de lá uma imagem dolorosa. Os que sentem como ella arder no cerebro o fogo de uma imaginação exaltada, fujam de o atear, por que no incendio pôde ir-lhes o entendimento.

Torturava o coração observar a mudez insensata de Christina, a pallidez que lhe cobria as faces, o espesso véo que lhe entenebrecia as feições. O infortunio passara por aquelle rosto a sua mão destruidora; a angustia saccudira as negras azas sobre a fronte virginal, d'aquella que talvez hoje cinge, reluzente de divinos resplendores, a corôa dos predestinados de Deus!

A este estado de excitação seguio-se a atonia profunda. Era impossivel arrancar-lhe uma palavra, provocar-lhe um movimento.

No dia seguinte a alvorada invadindo com seus magicos clarões o aposento de Christina, veio encontral-a mais repoisada das lutas do espirito em que durante a noite se debattera. No seu rosto pallido havia uma doce serenidade, como se a esperança animasse aquelle pobre coração! Parecia resignada. Por entre os labios saía-lhe o susurro das orações. Dir-se-ia que uma inspiração divina, provocada pela fé viva d'aquella alma, descêra sobre a infeliz para lhe fazer encontrar remedio nas consolações religiosas dos que recebem o infortunio das mãos de Deus, e se lhe curvam submissos, como a decretos da Providencia, cujas intenções não é dado á creatura discutir, nem averiguar!

A resignação, porém, era apparente.

Aquella serenidade exterior repousava no desespero de uma resolução tremenda.

Pedio que a deixassem só porque, dizia ella, queria chorar livremente; mas quando horas depois voltaram ao quarto já não a encontraram. Tinha saído sem ser vista, e foi debalde que D. Thereza expedio criados em busca d'ella.

Um pescador que pelo cair da tarde se approximou da costa e olhou para a *Bocca do inferno*, vio um pedaço de vestido branco preso a uma ponta da rocha. Lá em baixo não havia mais vestigios — a onda varre quanto lá encontra.

Mas na madrugada foi visto passar distante da praia um cadaver boiando á mercê das ondas.

Um barco tripulado por quatro homens foi ao alcance do cadaver. Era já noite cerrada quando volveram á praia. As vagas estiravam-se espumosas sobre a areia, e o desembarque foi difficil; mas á luz de alguns archotes os quatro homens levantaram nos braços um vulto de mulher, envolto em roupagens brancas, com os loiros cabellos soltos e alagados.

Era o cadaver da pobre Christina.

E a tempestade não serenára ainda; e o mar rugindo na sua cholera tremenda por entre os rochedos da *Bocca do inferno*, preludiava um hymno de morte, hymno solemne e terrivel, á pobre martyr que fóra no seio d'elle procurar um tumulo.

A. D'OLIVEIRA PIRES

## O SOMNO DAS PLANTAS

Quando a luz do céu tinge de uma cor pura e brilhante as flores da terra; quando os prados se desenrolam ante nossos olhos com o rico adorno da sua verde relva e das suas flores; quando os insectos alados zumbem por entre estas e a leve mariposa lhes revoltea em torno; então sentimos pesar que a noite estenda o seu negro manto sobre este vasto quadro da natureza e que divida por um entreacto mysterioso o grande drama do mundo.

O homem destinado a assistir a este sublime espectáculo descansa apenas desaparece o sol no horisonte, do mesmo modo que aquelles seres; deixa suas sensações para o dia seguinte e dorme tranquillo ou agitado por ambiciosos desejos.

Não turbemos o seu socego; vamos, porém, aos campos em uma noite de estio: corramos as colinas e os prados cobertos de flores, que antes tanto nos haviam chamado a attenção, ou vamos debaixo da abobada sombria dos bosques seculares, que durante o dia servem para resguardar do ardor do sol. Não temamos cousa alguma neste passeio, pois de noite não são os sentidos que nos produzem as impressões: a alma é que sente e julga; a estas horas parece que os espiritos celestes se aproximam da terra e exercem sua influencia sobre os vivos. Ah! porque não havíamos de reconhecer esses seres incorporeos destinados como nós a considerar os prodigios da criação! Porque não nos havíamos de entregar áquelles presentimentos que tão raras vezes nos enganam e que nos são suggeridos por seres superiores? Se cada alma pura tem um anjo da guarda que a conduz por entre os escolhos, n'esse caso nada receemos e emprehendamos o nosso passeio nocturno.

O influxo religioso da noite, começa no momento em que o sol diz «Adeos» á terra, quando o mundo animado lhe envia a sua sublime despedida.

Então já não é tão puro o azul do céu; os vapores condensam-se formando leves gases, que o zephyro conduz a seu capricho em tiras fluctuantes, e que se reúnem formando um espesso véo para occultar o astro resplandecente no momento mesmo em que termina a sua carreira; porém durante algum tempo inunda de luz o horisonte mostrando todas as cores desde a purpura até á roza. Ligeiras nuvens semelhantes a rolos de algodão, desprendem-se da massa geral e correm em direcção ao zenith para alcançarem allí o ultimo raio do astro moribundo, e o crepusculo estende suavemente suas sombras, cujos contornos passam velozes como o tempo e fugazes como a vida. N'este instante cessa o ruido do dia e não resoa a voz sublime da natureza em suas distinctas aclamações, que se elevam até á divindade. A ave que poisa sobre os ramos flexiveis da madresilva ou se occulta nos ramalhetes de flores do espinheiro branco, cessou os seus cantos de amor; os insectos dobraram as suas azinhas debaixo da cobertura dourada que as occulta e embalados docemente no calix odorifero da flor descancam sob uma cortina de purpura e saphira. O eco já não repete os cantos dos pastores; tudo dorme na natureza; nós, porém, velaremos junto das flores que se acham sob a influencia do somno.

No campo, no bosque, junto ao arroio, no prado, seja qual for o lugar que visitarmos, por toda a parte encontraremos as plantas adormecidas; a tempestade fal-as vergar sem acordal-as; o trovão estrondea sem perturbar a sua tranquillidade, a chuva humedece-as sem interromper o seu repouso. A delicada sensitiva dorme profundamente todas as noites; reúne as suas pequenias flores, dobra as suas largas folhas e espera immovel que a luz novamente a desperte. Se a agitam, se a movem, se o vento sopra com violencia, tudo isto serve só para prolongar a sua immobilidade; o socego, porém, torna-a á vida. No trifolio da India, descoberto em 1777 por lady Monson em Bengala, em um dos pontos mais ardentes e humidos do grande delta do Ganges, a noite parece exercer uma influencia ainda maior.

Cada ramo d'esta sensivel leguminosa tem tres folhas como o nosso trevo; no centro a folha maior, e as duas menores aos lados; durante o dia, a do centro conserva-se horisontal e immovel; de noite inclina-se sobre a haste como se o cansaço a convidara ao repouso; esta folha permanece sempre immovel em quanto que as duas dos lados se encurvam e endireitam com uma mobilidade incessante e incrivel, sem empregar em qualquer d'estes movimentos mais de um minuto. Agitam-se, elevando-se ou abaixando-se, como uma imagem d'esses seres atormentados que nunca encontram tranquillidade desde que nascem até que morrem; são inquietas na sua juventude, como nós, e moderam os seus movimentos quando a velhice chega, quando a morte as ameaça. No curso do dia apenas ha um instante em que uma folha está parada em quanto a outra continúa o seu movimento. O vento suave dobra o talo da planta sem perturbal-a na sua agitação, porém a tempestade torna-a immovel. A's vezes o calor suffocante d'aquelles paizes fal-a descansar um momento como se fóra uma sêsta e então ambas as folhas ficam tranquilladas. O *hedysarum gyrans* conserva uma parte da sua actividade em nossas regiões durante o inverno; longe, porém, do sol abrasador da sua patria, longe do ar humido d'aquelles pantanos, os seus movimentos são mais lentos e menos regulares e tem-se visto ás vezes no seu desterro entregarem-se a largas horas de somno.

Tudo é prodigioso debaixo do lindo céu da India; allí tambem se encontra uma arvore grande da mesma familia da sensitiva, cujas flores e folhas dormem e velam alternativamente, como se entre ambos os orgãos existira uma especie de aversão a agitarem-se e a viverem ao mesmo tempo.

Mas não necessitamos ir tão longe para buscar exemplos de phenomenos tão estranhos; visitemos de noite os nossos bosques e os nossos prados; vamos á selva silenciosa quando está allumiada pela luz prateada da lua, que penetra por entre a folhagem, e prestes veremos como ha mudado o aspecto de todas as plantas.

Os trifolios uniram as suas folhas, que dormem em seus largos talos; a terna oxalida inclinou as suas, que dormem cansadas da sua actividade diurna. As folhas da armoles reclinam-se sobre os seus renovos e descansam; as onágras tão communs nas margens dos rios, unem pela noi-

te as suas folhas superiores formando uma especie de docel debaixo do qual a flor póde dormir ou velar a seu gosto; as malvaceas, com as suas flores de um dia, adormecem e abandonam-se descuidadas sobre a sua haste e no dia seguinte levantam-se novamente.

Em outras partes vemos enrolarem-se as folhas das malvas com as suas bellas flores de cor de lilaz e aproximarem-se d'estas ao tempo do repouso.

Quando ao anoitecer as ervilhas de cheiro dos nossos jardins despedem as suas aromaticas emanações, então unem as suas folhas umas ás outras e no meio d'aquelle perfume delicioso caem em profundo somno.

A colutea tem folhas que pela noite se separam das flores e que descansam, como as sensitivas unindo a parte exterior. Em uma multidão de plantas vê-se que as folhas servem como que de resguardo ás flores e que estas não dormem em quanto se não acham protegidas por aquelle abrigo; assim succede com o formoso *lotus ornithopodioides*, no qual Linneo observou pela primeira vez o somno das plantas e viu que as tres folhas que formam o seu involtorio se levantavam quando a planta dormia para protegerem completamente as suas tres flores finaes. Em outras plantas, pelo contrario, as folhas elevam-se separando-se da flor, voltam-se e dormem deitadas sobre o reverso. No *lupinus albus*, vê-se esta singular disposição em algumas partes dos Pireneos onde esta planta e o trifolio roxo se cultivam juntos formando preciosos quadros em que as flores brancas do *lupinus* estão entrelaçadas com as flores carmineas do trevo; mas de noite tudo muda; o *lupinus* parece ter perdido as suas folhas e o trifolio não mostra flôr alguma; o rico matiz que antes apresentavam não se conhece quando dormem.

(Continua)

## O SEculo XVIII

Alguns homens denominam *seculo das ruinas* o seculo passado; eu chamar-lhe-ia antes o *seculo do mau gosto* e deixaria fallar os que d'elle dizem mal, não percebendo que mordem no seio da sua nutrix. João Baptista Nicoline dizia um dia a um d'esses vaidosos e ingratos filhos do seculo ultimo: «Vos fazeis como o pigmeo que, depois de ter subido aos hombros do gigante, para ver mais longe, bate-lhe na cabeça, gritando-lhe;—Vejo melhor do que tu. —Ao que o gigante poderia responder:—Não dirias isso se te não tivesses empoleirado nas minhas costas.»

## CONTO INDIANO

Em uma cidade situada nas margens do Ganges vivia um religioso mendigo que tinha feito publicamente o voto de nunca fallar. Um dia pedindo esmola á porta de um negociante abastado, a filha d'este veio pessoalmente trazer-lh'a. O mendigo deslumbrado pela belleza d'esta menina, disse consigo:

—Eis aqui a esposa que os deuses me deveriam ter dado.

Retirou-se mui perturbado. Quiz expellir este pensamento da imaginação; mas não pode. Finalmente, exclamou:

—Um ente de tão rara formosura, de qualidades tão distinctas, não é, certo, para um miseravel como eu; mas se pudesse conduzi-la ao templo! obteria facilmente dos brahmanes a cerimonia que a uniria para sempre á minha sorte.

Aferrado a tão abominavel designio, foi novamente pedir esmola á porta do negociante, e saindo este na occasião com sua filha, o mendigo começou a gritar, apezar do seu voto:

—Ó desgraça! ó desgraça!

E afastou-se.

O negociante, impressionado deveras, seguiu-o, e logo que se acharam sós:

—Porque faltaste ao teu voto e pronunciaste palavras tão aterroradoras?

O mendigo respondeu:

—Tua filha veio ao mundo sob o influxo d'uma desgraçada estrella. Logo que ella casar, tu, tua mulher e teus filhos morrerão. Quando a vi e conheci o seu destino experimentei tal dôr (tens sido tão caritativo para comigo!) que não pude conter a voz. Faltei ao meu voto por tua causa. Queres fugir ao perigo que te ameaça? Esta noite, mette tua filha em uma caixa, sobre a qual porás uma tocha accesa, e abandona-a á corrente do Ganges.

O negociante muito assustado prometeu de seguir o conselho; e, logo que veio a noite, este pai credulo fez, derramando uma torrente de lagrimas, o que o mendigo lhe dissera.

Entretanto o hypocrita disse a dois homens da sua casta, que lhe eram dedicados:

—Ide ás margens do Ganges. Alli vereis fluctuar uma grande caixa com uma luz em cima. Trazei-a diante da porta do templo; eu vos precederei; mas, não vos atreveis a abril-a, ainda mesmo que de dentro vos fallem.

Antes d'estes homens chegarem ao lugar indicado pelo mendigo, um mancebo, que tinha ido tomar banho no rio, vendo brilhar uma luz sobre as aguas, ordenou aos seus servos que fossem examinar o caso um pouco estranho. Prestes veio a caixa para terra; e o mancebo abrindo-a, qual não foi a sua admiração ao ver aquella encantadora menina, que ainda respirava! Sem mais reflexão mandou metter na caixa um macaco selvagem, accendeu o archote, e lançou-a no rio. A menina, recobrando vida, respondeu ás perguntas do mancebo, que a conduziu immediatamente a casa de seus pais.

Chegam depois os dois homens. Avistam a luz, agarram a caixa e apresentam-na ao mendigo que se apressa a abril-a. Logo, sae o macaco furioso, e lança-se ao mendigo, rasgando-lhe o nariz e as orelhas com as unhas e os dentes.

No dia seguinte toda a gente da cidade sabia d'esta estranha aventura e ria gostosa do castigo que, por ser mau, o mendigo havia soffrido. De outro lado, o negociante foi muito feliz: a sua querida filha, dentro em pouco tempo, casou com o joven e nobre indio que a tinha salvado.